

MIA COUTO

# O último voo do flamingo

*15ª reimpressão*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2000 by Mia Couto, Editorial Caminho, SA, Lisboa

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Edição apoiada pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas*



INSTITUTO PORTUGUÊS DO  
LIVRO E DAS BIBLIOTECAS



Portugal em Ação

MINISTÉRIO DA CULTURA

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Ilustração de capa*

Angelo Abu

*Revisão*

Isabel Jorge Cury

Renato Potenza Rodrigues

*Atualização ortográfica*

Verba Editorial

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e factos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Couto, Mia

O último voo do flamingo / Mia Couto. — 1ª ed. — São Paulo :

Companhia das Letras, 2005.

ISBN 978-85-359-2683-5

1. Romance moçambicano (Português) I. Título.

05-0128

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura moçambicana em português 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

# Sumário

1. Um sexo avultado e avulso .....	13
2. A missão de inquérito.....	21
3. Uma mulher escamosa .....	33
4. Apresentação do falador da estória.....	43
5. A explicação de Temporina .....	55
6. Primeiro escrito do administrador.....	71
7. Uns pós na bebida (fala de Deusqueira) .....	79
8. A ventoinha fálica .....	89
9. O desmaio.....	97
10. Os primeiros rebentamentos .....	107
11. O primeiro culpado .....	117
12. O pai sonhando frente ao rio parado .....	129
13. A última tontura do moço tonto .....	141
14. Fala do feiticeiro Andorinho.....	149
15. A árvore do tamarindo.....	157
16. O regresso dos heróis nacionais.....	165
17. O passarinho na boca do crocodilo .....	173
18. A manuscrita voz de Sulpício .....	183
19. As revelações .....	191
20. Os estranhos filhos dos antepassados.....	201

Uma terra engolida pela terra.....	209
Glossário .....	221
Palavras proferidas por Mia Couto na entrega do Prémio Mário António, da Fundação Calouste Gulbenkian, em 12 de junho de 2001 .....	223

## UM SEXO AVULTADO E AVULSO

*O mundo não é o que existe, mas o que acontece.*

Dito de Tizangara

Nu e cru, eis o facto: apareceu um pénis decepado, em plena Estrada Nacional, à entrada da vila de Tizangara. Era um sexo avulso e avultado. Os habitantes relampejaram-se em face do achado. Vieram todos, de todo lado. Uma roda de gente se engordou em redor da coisa. Também eu me cheguei, parado nas fileiras mais traseiras, mais posto que exposto. Avisado estou: atrás é onde melhor se vê e menos se é visto. Certo é o ditado: se a agulha cai no poço muitos espreitam, mas poucos descem a buscá-la.

Na nossa vila, acontecimento era coisa que nunca sucedia. Em Tizangara só os factos são sobrenaturais. E contrafactos todos são argumentos. Por isso, tudo aconteceu, ninguém arredou. E foi o inteiro dia, uma roda curiosa, cozinhando rumores. Vocabuliam-se dúvidas, instantaneamenteavam-se ordens:

— *Alguém que apanhe... a coisa, antes que ela seja atropelada.*

— *Atropelada ou atropilada?*

— *Coitado, o gajo ficou manco central!*

A gentania se agitava, bazarinhando. Estava-se na-

quele aparvalhamento quando alguém avistou, suspenso no céu, um boné azul.

— *Olhem, lá, no cimo da árvore!*

Era um desses bonés dos soldados das Nações Unidas. Pendurado num galho, balançava na vontade das brisas. No instante que se confirmou a identidade da boina foi como navalha golpeando a murmuração. E logo-logo a multidão se irresponsabilizou. Não valia a pena empenhar na confusão. E a gente se dispersou, imediata, comentando que nada acontecera, até admiravam tanto o que nunca haviam visto. E desfalavam:

— *Agora é que vem aí chuva de molhar vento.*

— *Sim, é melhor voltarmos às vidas.*

— *Se emborem, pá!*

E destroçaram, todos destrocados. Sobre o asfalto quente ficou o apêndice órfão. No ramo seco restou o chapéu missionário, plenamente só no meio das aragens. Azul em fundo azul.

Sobrei para ali, sozinho, com um estranho pressentimento. Em minha alma, um espinho me magoava. Eu, a dizer, retirava o fel do vinagre. Aquilo não era ainda o sucedimento, mas os preparativos de sua chegada. Quando o silêncio clareia é que se escutam os escuros presságios. Foi nesse momento que me surpreendeu a voz, esbaforida:

— *Está ser chamado!*

— *Chamado, eu?*

Eu conhecia mais que bem o mensageiro: era Chupanga, o adjunto do administrador. Homem mucoso, subserviente — um engraxa-botas. Como todo o agradista: submisso com os grandes, arrogante com os pequenos. O fulano me fingia desconhecer, ocupado em suas superiores aparências. Ainda tentei um aperto de

mão, mas logo ele foi atalhando o tempo. O burro, na companhia do leão, já não cumprimenta o cavalo.

— *Não é você que fala afluentemente as outras línguas?*

— *Falo umas línguas, sim.*

— *Línguas locais ou mundiais?*

— *Uma e outras. Uma, de estrada. Outras, de corta-mato.*

O mensageiro bateu os tacões das botas, moda os militares. Esse ruído, singelo que era, me soou como um aviso. Parecia um anjo escapando pelos arredores dos ares. E, realmente, era. Os anjos é que veem o que não se passa. No exato desse momento, começavam os primeiros problemas, esquinas onde o meu destino se haveria de labirintoar. Fora de mim, a voz de Chupanga insistia:

— *Está ser chamado por Sua Excelência.*

Sua Excelência era o administrador. Ordem daquelas não se duvida. Ouvimos, calamos e fazemos de conta que, calados, obedecemos. Nem vale a pena invocar ousadia. Existe um alguém a quem primeiro nascem os dentes e só depois os lábios? Quanto mais um lugar é pequenito, maior é o tamanho da obediência.

Foi assim que, momentos depois, desemboquei direito e direto na sede da administração. Era o mesmo edifício dos tempos coloniais, já depurado de espíritos. O casarão tinha sido tratado pelos feiticeiros, consoante as crenças. A voz de comando se abreviou, de afiados cantos:

— *Entre, meu amigo. Precisamos de seus serviços.*

Estêvão Jonas, o administrador da vila, ocupava a inteira largura da porta. A preocupação pingava-lhe no rosto. Um lenço branco ia e vinha a lhe enxugar a testa. Um gerador enchia tudo de ruído e o administrador teve que forçar a voz:



— *Entre, meu camarada... isto é, meu amigo.*

Entrei. Dentro havia mais fresco. No teto, uma ventoinha espanejava o ar. Eu sabia, como todos na vila: o administrador Jonas tinha desviado o gerador do hospital para seus mais privados serviços. Dona Ermelinda, sua esposa, tinha vazado os equipamentos públicos das enfermarias: geleiras, fogão, camas. Até saíra num jornal da capital que aquilo era abuso do poder. Jonas ria-se: ele não abusava; os outros é que não detinham poderes nenhuns. E repetia o ditado: cabrito come onde está amarrado.

— *Mandei-lhe chamar porque precisamos de uma ação mais que imediata.*

O administrador até enrugava a voz. Com razão e motivo: uma delegação oficial devia estar prestes a chegar. Vinha investigar o caso do sexo decepado. Haviam de vir os do governo de dentro, mais os do governo de fora. Até das Nações Unidas viriam. Vinham investigar o caso do sexo decepado. E os outros casos que envolviam os capacetes azuis desaparecidos. Nunca a vila de Tizangara tinha recebido tais altas individualidades. A voz do administrador Estêvão Jonas tremia quando apontou para mim e disse:

— *Pois você fica, de imediato, nomeado tradutor oficial.*

— *Tradutor? Mas para que língua?*

— *Isso não interessa nada. Qualquer governo prezável tem seus tradutores. Você é o meu tradutor particular. Está compreender?*

Não entendia, mas aprendera que, em Tizangara, nada necessita de entendimento. Ainda pigarreei para sugerir minhas objeções. Foi quando deu entrada Dona Ermelinda, a respectiva do administrador. Ela se fazia conhecer

como “a Primeira Dama”. Olhou-me como se eu não che-  
gasse sequer a ser gente. E falou, prestando grandes favo-  
res ao mundo:

— *Dizem que vem um italiano e que vai ficar aqui a  
fazer a investigação. Você fala italiano?*

— *Eu não.*

— *Ótimo. Porque os italianos nunca falam italiano.*

— *Mas, desculpe, senhor administrador, traduzo pa-  
ra qual língua?*

— *Inglês, alemão. Uma qualquer, desenrasca-se.*

A administratriz de novo se interpôs, deixando invi-  
sível o esposo. Falava ajeitando o turbante e sacudindo  
as longas túnicas. Ermelinda clamava que eram vestes  
típicas de África. Mas nós éramos africanos, de carne e  
alma, e jamais havíamos visto tais indumentárias. No  
momento, ela reiterava:

— *O que eu quero, em tanto que Ermelinda, é que  
eles fiquem a saber que nós, em Tizangara, temos tradu-  
ção simultânea.*

Remexeu nos dedos, ajeitando os enfeites. Ela exibia  
mais anéis que Saturno. Virando-se para o marido, quis  
saber se tinham mandado chamar a cultura.

— *A cultura?*

— *Sim, os grupos de dança.*

— *Eles não hão-de aceitar vir. Sem pagamento não  
aceitam.*

— *Mas será que nesta terra já ninguém faz nada só  
por vontade do amor?*

A Primeira Dama mais quis saber: se o povo ainda se  
concentrava na estrada. Porque ela pretendia realizar  
uma visita oficial ao local da ocorrência. O marido, inco-  
modado, perguntou:

— *Vai ver aquilo, Ermelinda?*

— Vou.

— *Sabe que coisa está ali, desfalecida, no meio da estrada?*

— Sei.

— *Eu não acho bem, uma mulher com o seu estatuto... com aquela gente toda a ver.*

— *Vou, mas não como Ermelinda. Desloco-me oficialmente em tanto que Primeira Dama. E, entretanto, mande tirar aquela gentilha dali.*

— *Mas como é que posso dispersar as massas?*

— *Eu já não disse para você comprar as sirenes? Lá, na Nação, os chefes não andam com sirene?*

E saiu, com portes de rainha. No limiar da porta sacudiu as madeixas, fazendo tilintar os ouros, multiplicados em vistosos colares no vasto colo.

## A MISSÃO DE INQUÉRITO

*O que não pode florir no momento certo  
acaba explodindo depois.*

Outro dito de Tizangara

A vila se formigava em roda vivente. Constava que, da capital, não tardaria a chegar a importantíssima delegação com soldados nacionais e os das Nações Unidas. Vinha igualmente um chefe maiúsculo do comando das tropas internacionais. Com os militares estrangeiros vinham o ministro não governamental e uns tantos chefes de departamentos vários. E mais um tal Massimo Risi, um italiano, homem sem gerais patentes. Seria esse que iria estacionar uns tempos em Tizangara.

Eu já estava na praça, perfilado junto com os chefes da administração local. Éramos a comissão de recepção, faríamos as honras à terra. O administrador Estêvão Jonas se retorcia nervoso. Ele mandava e desmandava, desfazia trinta por nenhuma linha.

— *Alinhados!* — repetia ele, comandando nossas posições.

Mesmo atrapalhado, ele se mostrava ainda vaidoso, peito mais arredondado que o pombo em arrasto de asa. Assim emperuado, sua pele reluzia ainda mais escura, repuxados os brilhos de sua fronte.

De entre a multidão figurava um bem visível cartaz

com enormíssimas letras: “*Boas vindas aos camaradas soviéticos! Viva o internacionalismo proletário!*”. O administrador deu ordem instantânea de se mandar retirar o dístico. E que ninguém entoasse vivas a ninguém. O povo andava bastante confuso com o tempo e a atualidade.

— *Distribuem os nossos dísticos, esses que mandâmos pintar ontem.*

— *É melhor não, Excelência.*

— *E porquê?*

— *É que as tintas desapareceram lá do armazém.*

— *E os panos?*

— *Ospanos não desapareceram. Ospanos roubaram.*

Estava-se nessas desconformidades quando surgiu em nossa frente um cabrito malhado. O bicho destoava das solenidades. O administrador arreganhou em surdina:

— *Quem é esse cabrito?*

— *De quem é...* — o secretário corrigiu, discreto.

— *Sim, de quem é essa merda?*

— *Esse cabrito não será dos seus, Excelência?*

A ordem para evacuar dali o caprino veio tarde de mais: as sirenes já invadiam a praça. Num segundo, as velozes viaturas encheram a praça de poeira e ruído. De súbito, a travagem aflita. E escutou-se um baque surdo, o fragor de um carro embatendo num corpo. Era o cabrito. O bicho voou que nem uma garça felpuda e se estatelou num passeio próximo. Não morreu instantâneo. Antes, ficou por ali, manchado e desmanchado, amplificando seus berros pelo mundo. Com o embate, um chifre saltou com tal ímpeto que veio esbarrar no adjunto Chupanga. O homem pegou no desirmanado corno e entregou-o ao administrador.

— *Excelência, isto é seu.*

Estêvão Jonas, em fúria, atirou o chifre para o chão.